

Uma criança espancada

Masoquismo e
Repressão

© Roberto girola

[www.robertogirola
.com.br](http://www.robertogirola.com.br)

Bibliografia

- FREUD, S. (1919). *Uma criança é espancada*. In: _____. *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp 191-218.
- FREUD, S. (1924). *O problema econômico do masoquismo*. In: _____. *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1937). *Análise terminável e interminável*. In: _____. *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GIROLA, R. "Análise sem fim". In: *A psicanálise cura? Uma introdução à teoria psicanalítica*. Aparecida: déias & Letras, 2004 (cf. pp. 81-100).
- Laplanche e Pontaliz. "Masoquismo"/"Sadismo-masoquismo"; In: *Vocabulário da psicanálise*. S. Paulo, Martins Fontes, 1991, 2ª ed, p. 274 e 465-468.
- ROUDINESCO. E., PLON, M. "Recalque". In: *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, pp 647-649

Introdução

- Strachey na introdução ao texto afirma que o principal objetivo de Freud é oferecer “um inquérito clínico detalhado” sobre a problemática do masoquismo e sobre as perversões de forma geral.
- No entanto o texto tem também uma notável relevância por abordar os “motivos” que levam à repressão e à regressão inconscientes, tema que F. já abordou nos textos “O inconsciente” e “Repressão” e que retoma em “Análise terminável e interminável”.
- As dinâmicas de culpa, autopunição e submissão moral aparecem com frequência na clínica contemporânea. O texto esclarece os seus moventes pulsionais e sua ligação com o desenvolvimento sexual, mas também alude à noção de “cicatriz” psíquica, e cicatriz narcísica que remetem a conceitos desenvolvidos por Balint e Winnicott e aprofundados pela Psicanálise contemporânea (falhas do Eu constitutivas).



O texto

- O texto parte da observação clínica de fantasias ligadas ao espancamento de uma criança que se revela tanto na análise de homens como de mulheres. F recorre a 6 casos (4 M e 2 H).
- No “resumo” (P. 210), F faz um paralelo entre estas fantasias e a dinâmica edípica de ambos os sexos.
- Como ocorre na discussão da sexualidade feminina, F tende a supor uma analogia entre os processos psíquicos vividos pelos meninos e pelas meninas, mas acaba vendo frustrada sua tentativa a partir das observações clínicas.
- Três vertentes que orientam o texto: (!) as diferentes formas como se manifesta a fantasia de espancamento de uma criança; (2) o dinamismo psíquico presente nos movimentos de repressão e regressão; (3) a resultante sintomatologia sado/masoquista

A fantasia na menina

A partir de suas observações clínicas, F conclui que a fantasia de espancamento na menina passa por três fases: a I e III são lembradas conscientemente; “As duas fases conscientes parecem ser sádicas, enquanto a segunda, a inconsciente, é indubitavelmente de natureza masoquista” (p 210s).

1. Fase I: “O meu pai está batendo na criança” . “A criança em que estão batendo (...) [é] outra criança, com mais freqüência um irmão ou uma irmã, (...) não há relação constante entre o sexo da criança que cria a fantasia e o daquela que está sendo espancada. A fantasia, então, não é certamente masoquista. a criança que cria a fantasia não é a que bate. A identidade real da pessoa que bate permanece obscura, inicialmente. (...) não é uma criança, mas um adulto. Mais tarde, esse adulto indeterminado torna-se clara e inequivocamente reconhecível como o *pai* (da menina)” (p 200).
2. Fase 2: “Estou sendo espancada pelo meu pai” -> permanece ics (revelada pela análise) e é “inequivocavelmente masoquista “ (p 201).
3. Fase 3: Quem bate é um substituto da figura paterna, Várias crianças presentes, preferivelmente meninos.

O complexo de Édipo

- Relaciona as 3 fases às relações parentais (Édipo), pois para ele “o complexo de Édipo é o verdadeiro núcleo das neuroses” (p 208).
- 1. Na **Fase 1**: “As atenções da menina são fixadas no pai”, surge uma rivalidade com a mãe alternada com a dependência afetiva dela, mas é em relação à necessidade de compartilhar o amor do pai com outra criança que surge a fantasia de espancamento. Nestas crianças : o “componente sádico conseguiu, por motivos constitucionais, desenvolver-se prematura e isoladamente”. (p 204)
- 2. Na **fase 2**: “um sentimento de culpa é invariavelmente o fator que converte o sadismo em masoquismo” (p 204), HÁ UMA REGRESSÃO A UM ESTÁDIO PRÉ-GENITAL. “toda representação psíquica do amor incestuoso se torna inconsciente ou permanece inconsciente” (P 204), OCORRE UM MOVIMENTO REGRESSIVO: “ser espancado é agora uma convergência do sentimento de culpa e do amor sexual” (p 205) . “Não é apenas o castigo pela relação genital proibida, mas também o substituto regressivo daquela relação, e dessa última fonte deriva a excitação libidinal que se liga à fantasia a partir de então, e que encontra escoamento em atos masturbatórios. Aqui temos (...) a essência do masoquismo” (P 205).
- 3. Na **Fase 3**: A figura paterna volta na forma do professor batendo em meninos. A mudança de sexo das crianças (na realidade a própria menina) espancadas denota o surgimento do “complexo de masculinidade: “uma complicação no caso de meninas. Quando elas se afastam do amor incestuoso pelo pai, com o seu significado genital, abandonam com facilidade o papel feminino” (cf. p 206).

As perversões

A partir das observações sobre o surgimento do masoquismo F se propõe explorar a origem das perversões de forma geral.

“A perversão não (...) é um fato isolado na vida sexual da criança, mas encontra o seu lugar entre os processos típicos, para não dizer normais, de desenvolvimento (...). É levada a uma relação com o objeto de amor incestuoso da criança, com o seu complexo de Édipo” (p 207).

F considera as perversões como “um resíduo” das forças libidinais que operam na dissolução do complexo de Édipo. (Cf p 207).

“Uma perversão na infância (...) pode tornar-se a base para a construção de uma perversão (...) similar (...) que consuma toda a vida sexual do sujeito” (p 207).

F observa que os pervertidos fazem na puberdade uma tentativa para desenvolver uma sexualidade normal, mas sem sucesso., voltando à sua fixação infantil uma vez por todas.

A origem da perversão

- F tende a acreditar que a origem das perversões se dá, a partir da sexualidade infantil (complexo de Édipo) (cf p. 208).
- Só a análise pode esclarecer a relação entre as experiências edípicas e a dissolução do complexo e seus resíduos.
- Na questão do homossexualismo F afirma que “é pequeno o valor que se deve atribuir (...) a uma afirmação de que um caso de homossexualismo é congênito” (p 208).
- “O que resta do complexo no inconsciente representa a inclinação para o posterior desenvolvimento de neuroses no adulto” (p 208).
- “a fantasia de espancamento e outras fixações perversas análogas também seriam apenas resíduos do complexo de Édipo, cicatrizes (...) deixadas pelo processo que terminou, tal como o notório ‘sentimento de inferioridade’ corresponde a uma cicatriz narcísica do mesmo tipo” (p 208).

Repressão e regressão

- “(...) o masoquismo não é a manifestação de um instinto primário, mas se origina do sadismo que foi voltado contra o eu (*self*) — ou seja, por meio de regressão de um objeto para o ego” (p 209).
- Instintos passivos e investimento libidinal no desprazer não esgotam o masoquismo. “A transformação do sadismo em masoquismo parece dever-se à influência do **sentimento de culpa** que participa do ato de repressão” (p 209).
- A repressão segue 3 processos: “[1] **torna inconscientes** as consequências da organização genital, [2] obriga essa organização a **regredir** ao anterior estágio sádico-anal e [3] **transforma** o sadismo desse estágio em masoquismo, que é passivo e novamente, num certo sentido, narcísico” (p 209).
- “A análise não nos fornece a origem no próprio sentimento de culpa” (p 209). -> conceito de superego cruel e “cicatriz” ;

Perversão masoquista no menino

- F não consegue estabelecer um paralelo entre o modo como se organiza a fantasia no menino e na menina, em que a mãe substituiria o pai na fantasia.
- Na maioria dos casos observados os pacientes homens apresentam uma *tendência à perversão masoquista*. Eles obtêm satisfação sexual exclusivamente pela masturbação com fantasias masoquistas (impotência), ou combinam a atividade genital com fantasias masoquistas e eventualmente ideias obsessivas.
- Os masoquistas masculinos “invariavelmente se transferem para o papel de uma mulher; ou seja, a sua atitude masoquista coincide com uma atitude *feminina*” (p 212); “as pessoas que aplicam o castigo são sempre mulheres, nas fantasias como nos desempenhos” (p 212).

Fantasia de espancamento (menino)

- Por trás da fantasia de ser espancado pela mãe, há uma fantasia primitiva: “estou sendo espancado pelo meu pai” -> Fase 2 (p 213).
- A fantasia “estou sendo espancado por minha mãe” torna-se consciente na Fase 3 em que meninos são espancados por mulheres.
- E não encontra nos meninos analogias com a fase 1. (sádica).
- “a forma original da fantasia masculina inconsciente não era [contudo] ‘Estou sendo espancado pelo meu pai’, mas, antes, ‘Sou amado pelo meu pai.’”, transforada na fantasia consciente “estou sendo espancado pela minha mãe” : fantasia *passiva* desde o começo -> *atitude feminina* em relação ao pai -> *atitude edipiana invertida* (pai objeto de amor).
- “Em ambos os casos [meninos e meninas], a fantasia de espancamento tem sua origem numa ligação incestuosa com o pai.” (p 213).

Diferenças entre as fantasias masculinas e femininas

- “No caso da menina, a fantasia masoquista inconsciente parte da atitude edipiana normal; no caso do menino, parte da atitude invertida, na qual o pai é tomado como objeto de amor” (p. 213).
- “No caso da menina, a fantasia tem um estágio preliminar [Fase 1], no qual o espancamento (...) é feito sobre uma pessoa vista com rancor ciumento” (P 214); esses aspectos estão *aparentemente* ausentes no caso do menino.
- NA FASE 3 “a menina conserva inalterado o sexo da pessoa que está batendo; ela, porém, muda a figura e o sexo da pessoa que está sendo espancada. O menino, pelo contrário, modifica a figura e o sexo da pessoa que bate, colocando a mãe no lugar do pai” (P 215).



O CONTEÚDO SEXUAL RECALCADO

- “No caso da **menina**, o que era originalmente uma situação masoquista (passiva) transforma-se em situação sádica, por meio de repressão, e a sua qualidade sexual é quase apagada” (P 214).
- “No caso do **menino**, a situação permanece masoquista e mostra uma semelhança maior com a fantasia original, com seu significado genital, de vez que existe uma diferença de sexo entre a pessoa que bate e a pessoa espancada” (P 214).
- “O menino burla o seu homossexualismo ao reprimir e remodelar a fantasia inconsciente — e o que é notável acerca da sua posterior fantasia consciente é que esta tem como conteúdo uma atitude feminina sem uma escolha homossexual de objeto” (P 214).
- “Pelo mesmo processo, por outro lado, a menina escapa inteiramente às exigências do lado erótico da sua vida. Em fantasia ela transforma-se em homem, sem se tornar ativa à maneira masculina, e nada mais é do que o espectador de um acontecimento que toma o lugar de um ato sexual” (P 214).



Repressão e regressão: efeitos

- “ nenhuma grande mudança é efetuada pela regressão da fantasia inconsciente original. O que quer que seja **reprimido** a partir da consciência, ou nela substituído por alguma outra coisa, **permanece** intacto e potencialmente operativo no inconsciente.” (p 214)
- No que diz respeito ao efeito da **regressão** a um estágio anterior da organização , “a situação se **modifica** também no inconsciente. Assim, em ambos os sexos, a fantasia masoquista de ser espancado pelo pai (...) continua a viver no inconsciente depois que ocorreu a repressão” (p 214).